

o diário da criada

loreth anne white

Tradução de Ana Nereu Reis



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

PARA MARLIN E SYD:
OBRIGADA POR NOS TEREM ATURADO,
A MIM E A HUDSON, DURANTE
UM VERÃO TUMULTUOSO DE
INCÊNDIOS FLORESTAIS.
ADORO-VOS AOS DOIS.



COMO TERMINA

Lentamente, ela desliza entre o sono e a consciência. Um fragmento agudo de cognição atravessa-a... não, não está a dormir. Não está na sua cama. Não está em segurança. O pânico invade-a. Onde é que está? Tenta engolir, mas tem a boca seca. Sente um sabor estranho no fundo da garganta. Uma tomada de consciência mais violenta trespassa-a. Sangue: é o sabor do sangue. A respiração dela acelera-se. Tenta mover a cabeça, mas não consegue. Um tecido áspero e húmido cobre-lhe o rosto. Está encurralada, com os braços amarrados firmemente ao lado do corpo. Apercebe-se da dor. Uma dor avassaladora. Nos ombros. Nas costelas. No ventre. Entre as coxas. A dor martela-lhe dentro do crânio. A adrenalina corre-lhe nas veias e os seus olhos abrem-se. Mas não consegue ver. O pânico invade-lhe o cérebro. Abre a boca para gritar, mas o grito sai abafado.

O que é isto? Onde é que estou?

Concentra-te. Concentra-te. O pânico mata. Tens de pensar. Tenta recordar-te.

Mas sente-se confusa. Esforça-se por encontrar um fio de clareza, debate-se para se concentrar nas sensações. Frio... tem os pés muito frios. Mexe os dedos dos pés. Sente ar. Tem os pés descalços? Não, só um. Tem um sapato no outro. Está ferida. Bastante, pensa ela. Uma memória indefinida infiltra-se no seu cérebro lento... a de estar a lutar contra pessoas, de estar a ser agarrada. De estar a ser violentamente atacada... ela tem a sensação disso, de ter sido dominada, de ter ficado impotente. Depois, ferida. Agora está embrulhada em algo e está em movimento. Aos solavancos. Consegue sentir vibrações. Será o ruído de um motor? De um automóvel? Sim, está em algum tipo de veículo. Apercebe-se de vozes. No banco da frente. Ela está deitada no banco de trás. As vozes... parecem aflitas, estão a discutir. Por detrás das vozes há uma música suave. O rádio do carro. Ela está definitivamente num carro... estão a transportá-la para algum lugar. Distingue palavras. «Desfazer... a culpa é dela... estava a pedi-las. Não posso culpar...»

Desliza para a escuridão novamente. Desta vez é total.

AS TESTEMUNHAS SILENCIOSAS

31 de outubro de 2019. Quinta-feira.

São 23h57. É noite de Halloween. Está escuro. Um nevoeiro denso estende-se ao longo da água e uma chuva miudinha e constante cai enquanto um *Mercedes-Maybach* prateado com dois ocupantes vira para um caminho lamacento que conduz a um local de armazenagem de cereais abandonado. A água da chuva reluz quando os faróis incidem sobre as bases dos velhos silos. O automóvel atravessa uma linha férrea e avança aos solavancos por uma estrada esburacada que acompanha a margem da enseada oceânica. O *Mercedes* detém-se nas sombras profundas por baixo de uma ponte que faz um arco sobre a enseada, ligando a Costa Norte à cidade de Vancouver. Os faróis apagam-se. Agora tudo está escuro, à exceção do brilho da cidade envolta em nevoeiro do outro lado da água.

Os ocupantes sentem-se seguros aqui, escondidos, envoltos no couro macio e no calor do automóvel de luxo. Por cima da ponte, o tráfego emite um rugido suave, pontuado por ruídos rítmicos à medida que os veículos passam por cima das juntas metálicas.

O homem e a mulher não perdem tempo a maravilhar-se com a forma como a maré cheia redemoinha como tinta para lá do decrepito estaleiro de silos. A febre da luxúria atingiu o pico. Tinha começado esta manhã — este pequeno jogo entre eles —, durante uma reunião ao pequeno-almoço, com a barriga da perna dela a pressionar a perna dele por baixo de uma mesa, enquanto discutiam calmamente a estratégia jurídica com as autoridades municipais. O desejo floresceu através de discussões subsequentes de alto nível em relação a uma ação judicial, seguidas de um almoço. O ponto alto foi um beijo roubado atrás da porta na casa de banho dos homens. Ambos sabiam que ia acabar assim... sexo frenético no carro dela, estacionado num local duvidoso. Ambos estão viciados na antecipação. No perigo. No risco. Ambos são casados com outras pessoas. Ele é membro da assembleia legislativa provincial. Ela é uma advogada de topo na cidade. Ambos têm filhos.

Escolhem sempre um sítio como este. Algo industrial. Húmido. Deserto. Marcado com *graffiti*, repleto de detritos urbanos. Sórdido, mas

delicioso de uma forma indecorosa. É a peculiaridade que ambos partilham: copular em cenários de sordidez. A justaposição do seu *glamour*, inteligência, riqueza e privilégios com estas telas urbanas grosseiras — espicaça-lhes o desejo. Faz com que se sintam poderosos. Reveste o romance deles de uma camada de granulação de filme *noir* que alimenta o seu prazer carnal.

Ela descalça os sapatos de salto alto Saint Laurent enquanto puxa a gravata vermelha dele, procurando desajeitadamente abrir-lhe o fecho das calças. O homem desaperta os botões nacarados da blusa de seda dela, enrola a saia para cima, rasgando-lhe os *collants* dispendiosos na sua ânsia. Ela passa apressadamente sobre a alavanca das mudanças e põe-se em cima dele. Quando se afunda nele, o homem fecha os olhos e geme de prazer. Mas, de repente, ela fica imóvel. Avista dois conjuntos de faróis a surgirem na neblina. Os raios de luz formam túneis gémeos no nevoeiro — um veículo atrás do outro. Os carros viram em frente aos silos abandonados e dirigem-se para os carris.

— Vem aí alguém — sussurra ela.

Ele parece não perceber. Com os olhos ainda fechados, ele geme e inclina a pélvis para cima, tentando fazer com que as ancas dela se movam contra a sua virilha. Mas ela aperta a mão sobre a dele, mantendo-o imóvel. O seu coração bate forte.

— São dois carros — diz ela. — Vêm nesta direção.

Ele abre os olhos, vira a cabeça, depois endireita-se com firmeza. Esfrega a janela embaçada com as costas do punho para poder ver. Espreitam através da parte desembaciada em silêncio, enquanto os faróis atravessam os carris e se aproximam, paralelos à água.

— Merda! — exclama ele em voz baixa. — Este é um terreno privado. Está isolado para construção. Não devia estar aqui ninguém. Especialmente a esta hora.

— Talvez sejam miúdos a prepararem-se para algum disparate de Halloween ou um negócio de droga — sussurra ela.

Os automóveis aproximam-se mais. O veículo da frente é mais pequeno do que aquele que o segue, mas o nevoeiro, a chuva e a escuridão tornam difícil discernir as cores ou os modelos exatos dos veículos. E ambos estão também iluminados por trás: as suas silhuetas formam-se no brilho sinistro que emana da cidade oculta do outro lado da água. O veículo mais pequeno pode ser amarelo ou creme, pensa a mulher. Um cidadão. O carro maior é um sedã. Talvez cinzento-escuro ou azul. Os dois conjuntos de faróis

incidem brevemente sobre a água escura enquanto os veículos seguem uma curva no caminho. A água do mar fulge à luz como metal batido.

— Estão a vir na nossa direção — declara a mulher.

— Não há para onde ir, não há saída alternativa — replica o homem.
— Somos alvos fáceis.

Os carros aproximam-se ainda mais.

— Mas que raio? — A mulher muda-se rapidamente para o lugar do condutor e esforça-se por puxar os *collants* rasgados e calçar os sapatos. Ele puxa a braguilha para cima.

— Espera, espera, eles estão a parar — diz ele.

O casal imobiliza-se. Num silêncio oculto, observam enquanto a porta do lado do condutor do citadino se abre e uma figura alta sai. Veem um logótipo na lateral da porta. Outra figura sai do sedã maior. Mais baixo. Mais corpulento. Ambos os condutores estão vestidos com um equipamento preto que brilha à chuva. Um usa um chapéu. O outro usa um capuz. Os condutores deixam os faróis acesos e os motores dos dois automóveis a trabalhar. Os gases de escape lançam nuvens brancas na obscuridade.

A névoa adensa-se e rodopia à volta dos dois condutores quando estes abrem a porta traseira do sedã. Esforçam-se por puxar algo grande e pesado para fora do banco de trás. Parece ser um grande rolo de alcatifa. Cai no chão com um peso evidente.

— O que estão eles a fazer? — questiona a mulher.

— Têm algo enrolado naquele tapete — responde o homem. — Algo pesado.

Nenhum dos dois quer admitir o que ambos pensam que possa ser.

Os dois condutores levantam e arrastam a carga em direção à água. À beira da doca abandonada, usando os pés e as mãos, empurram-na e fazem-na rolar sobre a borda. O objeto desaparece. Um segundo depois, volta a ser visto... um clarão branco que rodopia em direção à ponte na corrente da maré. Gira na água, depois começa a afundar-se. Um momento depois desaparece.

A mulher engole em seco.

O interior do *Mercedes* fica gelado.

O homem não consegue respirar.

Ambos estão aterrorizados com o que testemunharam. O frio desse terror penetra-lhes profundamente nos ossos. O condutor alto regressa rapidamente ao veículo citadino. Inclina-se para o lado do condutor e remexe

em algo por baixo do volante. Os dois condutores observam enquanto o veículo se move em direção à água, como que por vontade própria.

— Oh, meu Deus, eles fixaram o acelerador! Temos de sair daqui. — A mulher leva a mão à ignição.

— Espera. — O homem aperta-lhe o antebraço com a mão. — Não mexas um único músculo até eles desaparecerem. Podem matar-nos pelo que acabámos de ver.

Observam fixamente, cada vez mais horrorizados, o automóvel que parece hesitar e depois se inclina sobre a borda da doca. Enquanto mergulha, capta a luz refratada do tráfego da ponte. É um carro amarelo, pensa a mulher. Um *Subaru Crosstrek* como o que ela e o marido ofereceram ao filho no seu décimo oitavo aniversário. O logótipo na porta parece-lhe familiar. Ela já o viu antes, mas não consegue lembrar-se onde. A água fecha-se sobre o carro, deixando uma espuma luminosa que viaja com a corrente em direção à ponte. Desaparece. Não sobrou nada... nenhuma indicação de que algo tenha saído da doca. Apenas a água negra que se move com a maré.

Os dois condutores apressam-se a entrar no sedã que os aguarda. O mais alto entra pelo lado do condutor, o mais baixo pelo do passageiro. As portas fecham-se com estrondo. O sedã circula a toda a velocidade ao longo do caminho lamacento. As luzes de travagem acendem-se e ele passa sobre os carris, depois vira e atravessa o estaleiro de silos deserto. Desaparece no nevoeiro.

Nenhum dos ocupantes do *Mercedes* fala. A tensão que paira entre eles é enorme. Deviam ligar para o 112.

Ambos sabem que não o farão.

Nenhum deles dirá uma palavra acerca disto a absolutamente ninguém, porque se alguém souber que eles estiveram ali, juntos, naquele lugar abandonado debaixo da ponte, na escuridão e nas primeiras horas do que é agora a manhã de sexta-feira, perderão tudo.

O DIÁRIO DA CRIADA

Só tem de começar, disse a minha terapeuta. Escreva as palavras, mesmo que seja um fluxo de consciência, mesmo que seja apenas para registar algo muito comum que fez durante o dia. Se achar difícil, tente anotar algo que a preocupe. Apenas uma coisa. Ou escolha uma coisa que a deixe feliz. Ou que a enfureça. Ou algo que a aterrorize. Escreva coisas que nunca deixará ninguém ler. Depois, para cada ideia, pergunte a si própria porquê. Porque pensa assim? Quais são os riscos de perder essa ilusão? Pergunte porquê, escreva porquê, até ter vontade de gritar. Até já não conseguir olhar para as palavras ou até cair num alçapão para algo novo. Depois, afaste-se. Faça alguma atividade física. Ande, corra, faça uma caminhada, nade, dance. Continue a fazer isso até estar pronta para voltar à página. O segredo é começar. Manter as coisas simples. Eu prometo-lhe que vai começar a fluir.

Por conseguinte, aqui estou eu, Querido Diário — Meu Querido Terapeuta substituto —, a escrever tudo. Começo de forma simples. O meu nome é Kit. Kit Darling. Tenho trinta e quatro anos. Sou solteira. Vegana. Adoro animais. Alimento pássaros.

Sou empregada de limpeza.

A minha paixão é o teatro amador.

O meu superpoder é ser invisível.

Sim, leste bem. Foi-me concedido o dom da invisibilidade. Ando pelas casas das pessoas sem ser vista — como um fantasma —, a limpar calmamente o pó dos detritos quotidianos das suas vidas, a restaurar a ordem nos seus pequenos microcosmos exteriormente «perfeitos». Lavo, arrumo, dobro e vasculho a privacidade de enclaves elitistas, tocando, cheirando, invejando e, por vezes, experimentando pertences. E eis uma coisa que eu aprendi: a perfeição é um engano. Uma ilusão. É uma narrativa cuidadosamente selecionada, mas falsa. A família dourada que pensamos conhecer da casa de luxo ao fundo da rua não é quem pensamos ser. Têm defeitos, segredos. Por vezes, sombrios e terríveis. Estranhamente, como empregada de limpeza, processadora do lixo e da sujidade, são-me confiados os segredos que há dentro destas casas. Talvez seja porque sou vista como irrelevante.

Benigna. Não digna de uma consideração mais profunda. Apenas a ajudante contratada.

Por isso, vou limpando o pó e aspirando, e vou bisbilhotando.

Essa é a outra coisa: sofro de bisbilhotice.

Quer dizer, todos nós sentimos um impulso de dopamina e adrenalina quando vislumbramos algo que não era suposto vermos, certo? Não finjas que estás acima disso. Percorremos as redes sociais, à procura dos acidentes de comboio que acontecem em tempo real, e não conseguimos desviar o olhar. Clicamos naqueles links que prometem revelar uma estrela de Hollywood numa foto comprometedora de biquíni, ou sem maquilhagem, ou a ser uma má mãe no Starbucks. Na fila da caixa do supermercado, pegamos no jornal sensacionalista que nos atrai com promessas de informações privilegiadas sobre o caso de um príncipe britânico. Eu apenas o elevo a um nível superior. Mantém os meus dias excitantes.

Quando chego a um trabalho, já tenho a minha estratégia de bisbilhotice definida. Programo um temporizador e faço as minhas limpezas com rapidez suficiente para ter sempre um bocadinho de tempo livre para vasculhar uma cómoda, um armário, uma caixa no sótão ou uma determinada divisão.

E sigo as pequenas pistas. Descubro segredos que os ocupantes de uma casa tentam desesperadamente esconder, mesmo uns dos outros: a mulher do seu marido, o pai da sua filha, um filho da sua mãe. Vejo os pequenos comprimidos azuis. Uma seringa. Pastilhas de mentol e pontas de cigarro escondidas num vaso rachado num barracão de jardim. A garrafa de tequila de um adolescente escondida no fundo de uma gaveta de roupa interior. Os links de sites pornográficos de um marido guardados no seu computador. Um bilhete cuidadosamente escondido pela mulher de um amante não muito antigo ou uma carta de uma comissão de liberdade condicional. Um teste de gravidez escondido entre o lixo que me compete deitar fora.

Eu vejo estas pessoas.

Conheço os ocupantes destas casas.

Mas eles não me veem.

Não me conhecem.

Se me cruzar com um deles num passeio próximo ou nos corredores de uma mercearia, eles não reconhecerão a rapariga invisível que existe nas suas vidas. A rapariga anónima. Eu não me importo — não quero ser «vista». Não por eles.

A minha terapeuta tem algumas teorias sobre o meu desejo de permanecer invisível. Depois de lhe ter contado que era um fantasma em casa das pessoas, perguntou-me se eu sempre tinha sido um fantasma. Não sabia bem como responder, por isso limitei-me a calar-me. Contudo, a pergunta dela tem-me preocupado. Depois de mais algumas sessões de terapia falhadas, em que não chegámos a lado nenhum na questão da invisibilidade, a psiquiatra sugeriu que escrevesse um diário.

Ela acredita que abrir-me para as páginas em branco, privadas e não ameaçadoras pode ser uma forma de eu ir mais fundo nas partes inconscientes da minha psique que estão a esconder coisas do meu eu consciente (e até subconsciente). Ela deixou claro que eu não deveria sentir-me obrigada, de forma alguma, a partilhar a minha escrita com ela. Mas posso fazê-lo, se quiser.

«Só quando se olha para uma coisa durante tempo suficiente, Kit», disse ela, «e da forma correta, é que a verdadeira imagem começa a aparecer. Mas primeiro é preciso ter algo para ver. Precisa de palavras numa página. Mesmo que essas palavras pareçam banais, aborrecidas, incongruentes, vergonhosas ou mesmo embaraçosas; é desse campo de texto que surgirá a sua verdadeira história. E não se autocorrija», avisou ela. «Porque até que a imagem completa lhe seja revelada, não saberá que parte da história é real, verdadeira, e que parte deve ser deixada de fora.» Segundo ela, o processo é semelhante ao das imagens ambíguas e reversíveis que enganam os olhos, como aquele desenho clássico da mulher jovem, sabes? Quando se olha para ele de uma certa forma, a imagem da jovem transforma-se subitamente numa velha. E depois não se consegue deixar de a ver. É uma questão de mudar de perspetiva.

Sinceramente, duvido que algum milagre saia magicamente da cave junguiana da minha alma e se derrame nestas páginas, mas aqui estamos nós, Querido Diário... sou uma criada. Gosto de bisbilhotar. Se calhar estou a bisbilhotar de mais. Está bem, eu admito — é um vício. Não consigo parar. E está a piorar. Estou a correr cada vez mais riscos. A verdade é que foi este vício que me fez procurar terapia. É a minha «queixa principal» — é assim que a minha psiquiatra lhe chama.

— Não tens medo de um dia explorares em demasia e te deparares com algo que não consegues deixar de ver? — perguntou-me o meu melhor amigo, Boon, há pouco tempo. — Porque se isso acontecer, Kit, se vires um segredo chocante que alguém quer desesperadamente

manter escondido, podes estar em apuros. Sabes que as pessoas, as pessoas ricas, fazem de tudo para se protegerem a si próprias e às suas famílias. Até matar.

Aquilo deixou-me toda arrepiada.

Boon disse que eu tinha de ter mais cuidado.

— Eles têm poder. Poder a que tu não podes aceder.

Ele afirmou que eu estava a passar dos limites, que o meu hábito estava a tornar-se imprudente, que eu estava mesmo a convidar a ser descoberta. Precisava de ser mais discreta, de ter cuidado comigo.

Pensei que ele estava a ser dramático. Porque Boon é assim. E ele estava a estragar a minha diversão.

Respondi-lhe que, se as pessoas quisessem mesmo esconder algo, não contratavam uma empregada para a sua casa.

Agora não tenho tanta certeza...

A MULHER À JANELA

31 de outubro de 2019. Quinta-feira.

Beulah Brown está sentada na sua cadeira de rodas junto à janela de canto do seu quarto, no andar de cima. O sol pálido da manhã espreita através de uma brecha nas nuvens e ilumina-lhe o rosto. O raio de luz não tem qualquer calor, mas é sol na mesma. O que não é nada de desprezar neste clima sombrio de floresta tropical do Noroeste do Pacífico. Especialmente durante as monções de outono. E Beulah não sabe quantas vezes mais verá o sol. Ela sabe que nunca mais verá outro outono. Uma manta axadrezada cobre-lhe o regaço. Um prato de biscoitos com creme de limão repousa sobre a pequena mesa ao seu lado e ela segura uma chávena de porcelana com chá com leite. Fica impressionada por ainda conseguir segurar a chávena com tanta firmeza. O cancro pode estar a estrangular a sua vida, mas ela tem mãos bastante firmes para a sua idade. A doença não lhe tirou isso.

Beulah prefere esta janela de canto durante as manhãs porque capta o sol matinal quando este se digna a brilhar. Desta janela, também consegue ver a «Casa de Vidro» que pertence aos seus vizinhos e a enseada com o gracioso arco verde da ponte Lions Gate, que liga a Costa Norte ao Stanley Park e à cidade de Vancouver. O tráfego já é intenso na ponte. Há pessoas atarefadas a caminhar apressadamente para o trabalho nesta manhã de quinta-feira, alheias ao facto de que, num piscar de olhos, também elas estarão sentadas numa cadeira, à espera de morrer. A não ser que algo violento e repentino as arrebate primeiro.

Talvez valesse a pena sofrer um terrível acidente mortal ou ser violentamente assassinada, se isso significasse partir rapidamente. Ela reflete sobre isto enquanto sorve uns goles de chá. Está tépido, foi feito pela cuidadora matinal e deixado numa garrafa térmica ao lado da cama de Beulah. Ou será uma prestadora de cuidados? Atualmente, os substantivos são um desafio. A sua enfermeira de cuidados paliativos — a tagarela Kathy — explicou a Beulah que uma «cuidadora» pode não gostar da pessoa a quem está a prestar cuidados, enquanto uma «prestadora de cuidados» se preocupa com a pessoa, ponto final.

Beulah mergulha cuidadosamente um biscoito com creme de limão no seu chá com leite, pensando em Horton, o seu filho, que ocupa agora

o andar de baixo da sua casa. Ele mudou-se para lá, alegadamente, para cuidar dela. Beulah sabe que ele só quer a casa. Atualmente, é uma propriedade de luxo à beira-mar muito valiosa. Horton é um cuidador, não um prestador de cuidados. Às vezes, ela interroga-se se ele está a tentar apressar a sua morte. Horton é o grande arrependimento da vida de Beulah. Ela trinca o biscoito ensopado e pergunta-se o que o filho fará com toda a louça da família quando ela se for.

Enquanto mastiga, deixa que o seu olhar se desloque pela enseada de Burrard em direção aos camiões-cisterna que aguardam a entrada no porto, mas um clarão de cor chama a sua atenção. Vira a cabeça para ver um pequeno *Subaru Crosstrek* amarelo com um logótipo azul familiar a entrar no caminho que conduz à Casa de Vidro, ao lado da sua. Alegra-se imediatamente. É a empregada de limpeza. Beulah consulta o seu relógio de pulso. Pontual. Quinta-feira de manhã. Como o mecanismo de um relógio. É tão difícil conseguir ajuda fiável nos tempos que correm.

Beulah pousa a chávena, pega nos binóculos de observação de aves e aponta a mira para a casa dos vizinhos. Trata-se de uma monstruosidade arquitetónica moderna em que todas as janelas têm algum metal e betão. Ela ainda não consegue detetar movimento no interior. Os proprietários devem estar a dormir até tarde.

As idas e vindas dos vizinhos de Beulah, as pessoas que passeiam os seus cães ao longo do paredão em frente à sua casa ou aqueles que navegam em barcos na baía são o seu entretenimento, o seu *reality show* diário. Recentemente, começou a registar os movimentos das pessoas, só para provar a si própria que aquilo de que se recorda aconteceu realmente. Horton continua a insistir que a sua memória está a desaparecer. Ele afirma que ela inventa coisas e que tem uma imaginação louca, alimentada por demasiadas séries de crime nórdicas e de detetives britânicos. A série favorita de Beulah é *Vera*. Mas também gosta de *Shetland*. Principalmente só para ver Jimmy Perez. E *Wallander*. Ela adora o querido e triste Wallander.

Com as suas mãos nodosas e manchadas, esforça-se por ajustar a focagem dos binóculos. São novos, ainda está a apanhar-lhes o jeito. Ela mira a ágil mulher loira com um coque de cada lado do alto da cabeça que sai da porta do motorista do pequeno carro amarelo.

Bem, olá, minha querida.

Beulah imita a voz de Vera. Com os seus novos binóculos, ela pode agora observar com o olho de detetive da Vera, catalogando cuidadosamente os pormenores.

A criada está vestida com o seu uniforme: uma camisa polo cor de pastilha elástica rosa, umas calças práticas azul-marinho com cordão e uns confortáveis sapatos de desporto brancos com uma risca laranja de cada lado. Usa uma gargantilha preta à volta do pescoço e o seu cabelo louro está penteado para cima: dois coques feitos à pressa posicionados de cada um dos lados da cabeça como pequenas orelhas de urso de peluche.

A criada abre o porta-bagagens e saca de lá o aspirador. Um *Dyson*. A criada olha para a janela de Beulah, sorri e acena.

A boca de Beulah curva-se lentamente. Ela retribui o aceno com o máximo de entusiasmo que consegue reunir. Por um breve momento, olham uma para a outra — a velha senhora e a criada — e a criada acena com a cabeça e vai fazer o seu trabalho, tirando o resto do material de limpeza do carro e levando-o para a Casa de Vidro.

— Bom dia, Beulah!

Beulah estremece quando a animada enfermeira do hospital entra de rompante na sua sala de estar, carregando o seu saco com a parafernália médica.

— Como estamos hoje, Beulah? Como é que dormimos? — questiona a enfermeira enquanto desaparece atrás da cadeira de Beulah e sai do seu campo de visão.

— Dormi sozinha — murmura Beulah, esforçando-se por virar a cadeira de rodas para poder encarar a enfermeira. A mulher está vestida com equipamento de ciclismo, por amor de Deus. A enfermeira pousa o capacete e o saco da bicicleta na cama de hospital de Beulah e começa a desempacotar o equipamento necessário para medir o coração e os níveis de oxigénio no sangue de Beulah.

— Como disse? — interpelou a enfermeira.

— Eu disse que não há *nós*. Sou só eu. Sozinha. Eu durmo sozinha.

A enfermeira ri-se e prende a ponta do dedo de Beulah no oxímetro. Ela verifica o cronómetro enquanto faz as leituras.

— Está a usar o compressor de oxigénio quando dorme?

— Não — responde Beulah.

— Mas devia. Ajudará a aumentar os níveis no seu sangue. Terá mais energia. Como é que está a dor?

O resto do dia de quinta-feira dissolve-se na mesmice de todos os dias que o precederam. Uma rotina monótona de medicamentos, a visita de outra prestadora de cuidados para lhe dar banho, fazer o almoço e preparar-lhe um frasco de chá da tarde. Mais medicamentos. Mais uma

enfermeira de cuidados paliativos. Mais medicamentos. Depois, um sono profundo e morto para o mundo, induzido por opiáceos, seguido de uma prestadora de cuidados que lhe prepara o jantar. Uma dose mais forte de medicamentos para a noite. Mas, apesar dos medicamentos, Beulah continua desconfortável e com as costas apoiadas na cabeceira da cama de hospital para conseguir respirar melhor.

A dada altura, na obscuridade, desliza para um sono grogue e leve. Quando Beulah desperta de novo, é com um sobressalto brusco. Está encharcada em suor. O quarto está escuro. Está a chover lá fora. Fica ali deitada, a ouvir a chuva e o compressor de oxigénio a bufar e a suspirar, enquanto tenta orientar-se.

Ouviu um grito.

Tem a certeza de que ouviu um grito terrível.

O grito de uma mulher. Foi o que a despertou. Ela tem a certeza disso. O coração de Beulah começa a bater muito depressa. A luz vermelha do seu rádio-despertador indica 23h21. Ela fica à escuta durante mais algum tempo, questionando-se se terá imaginado o grito. Horton dirá que sim. Alguns momentos depois, Beulah ouve o portão de madeira do jardim da casa ao lado a fechar-se com estrondo. Depois, o som da porta de um automóvel a fechar-se. Ela esforça-se por se sentar direita e tira a cânula do nariz. Com a respiração pesada, gemendo de dor, agarra na cadeira de rodas e aproxima-a da cama de hospital. Carrega nos botões da cama e consegue baixá-la. Transfere-se para a cadeira. A adrenalina inunda Beulah e ela está determinada a chegar à janela, para ver o que se passa. A transpirar, conduz a cadeira até à janela do canto. Espreita para o quintal dos vizinhos. A luz do sensor de movimento na entrada da casa acendeu-se. Demora um momento para os olhos se ajustarem, para o cérebro de Beulah registar.

O que ela vê está errado. Está tudo errado. Muito, muito errado. Algo *terrível* está a acontecer.

Beulah conduz rapidamente a cadeira de rodas de novo em direção à cama. Sentindo-se tonta, tenta encontrar o telemóvel na mesinha de cabeceira.

Com as mãos a tremer, liga para o 112.

MAL

1 de novembro de 2019. Sexta-feira.

A detetive Mallory Van Alst estaciona o seu veículo descaracterizado junto à barreira da estrada. Baixa o vidro da janela e mostra a sua identificação ao agente fardado.

— Bom dia, sargento Van Alst — diz a agente, enquanto escreve o nome de Mal numa prancheta. — Boa sorte aí dentro, é um dos tramados.

A agente afasta a barreira de cavalete e Mal entra numa rua de mansões exclusivas à beira-mar. As viaturas da polícia de West Vancouver com luzes intermitentes estão estacionadas em frente a uma casa construída maioritariamente em vidro. Agentes fardados conversam perto dos veículos. Ao fundo da rua, os espetadores juntam-se, com os cabelos e os casacos a esvoaçar na brisa fria. Mal estaciona atrás de uma carrinha de identificação forense. Desliga o motor e estuda a propriedade.

Trata-se de uma daquelas estruturas ultramodernas, «arquitetonicamente concebidas», tudo em vidro só com algum betão e metal. Ergue-se como uma fénix angular e cintilante das ruínas do que foi provavelmente uma casa com carácter — algo único, mas não suficientemente antigo para reclamar o estatuto de património protegido. Numa placa de bronze afixada no pilar da entrada está escrita a palavra «NORTHVIEW». O caminho privativo de acesso à casa está isolado com fita amarela que esvoaça ao vento. Os técnicos forenses, em fatos-macacos brancos e botas, percorrem um caminho delineado entre a carrinha de identificação e a casa. Atrás da propriedade, a enseada de Burrard cintila.

Benoit Salumu, o parceiro de Mal, já está à espera dela perto da entrada. Está em pé, imóvel. Benoit tem uma maneira muito característica de fazer isto, de estar completamente imóvel. Com quase dois metros de altura e esculpido como se fosse de madeira preta e dura que foi polida até ficar luzidia, Benoit assemelha-se a uma estátua a guardar o local. De facto, toda a cena parece surreal. Especialmente contra o pano de fundo da rara e ventosa manhã de um azul intenso.

Mal engole rapidamente os restos do seu café, desaperta o cinto de segurança e pega na sua mala a tiracolo que está no banco do passageiro. Contém luvas sobresselentes, protetores de sapatos descartáveis, uma máquina fotográfica digital, uma pequena garrafa de água e outros artigos

básicos de reserva de que possa precisar numa cena de crime. Sai do veículo e respira fundo, tentando focar a mente. Compartimentalizar. Encontrar o seu centro. Depois de trinta anos na polícia, é-lhe mais difícil centrar-se nos dias que correm. Existe um limite para a quantidade de perversão e perda de vidas sem sentido que um ser humano consegue aguentar.

— Bom dia — cumprimenta ao aproximar-se de Benoit. — Chegaste primeiro que eu. Quer dizer que o bebé te deixou dormir ontem à noite?

Benoit exhibe um meio sorriso.

— A chefe será a primeira a saber quando isso acontecer. A Sadie encarregou-se do serviço noturno, abençoada seja. Mal posso esperar pela paz dos velhos tempos.

— Acredita no que te diz alguém com muita experiência no assunto, meu amigo — refuta Mal enquanto calça os protetores descartáveis por cima dos seus sapatos. — A tua paz acabou. Eles vão tornar-se adolescentes. E depois adultos. Prepara-te. O que temos aqui?

— Sinais de uma luta violenta. Muito sangue. Não há corpo.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Os fotógrafos já fizeram a cena deles?

— Sim. Ainda há alguns técnicos ocupados lá dentro. Tenho declarações das equipas de emergência. Estão a postos ao fundo da rua se precisarmos de mais informações.

A voz dele é profunda, ressonante e rítmica. Fala com sotaque. O francês e o suaíli são as primeiras línguas de Benoit. O francês do Congo, não o francês do Canadá. Quando Benoit fala francês, o que se ouve é a pronúncia da colónia belga que em tempos ocupou a sua terra natal, a República Democrática do Congo.

— Quem é que fez a chamada para o 112? — indaga Mal.

— Uma vizinha daquela casa. — Benoit aponta para uma estrutura tradicional na porta ao lado, com paredes de tijolo cobertas de hera em tons de vermelho e laranja. — Beulah Brown. De oitenta e nove anos. Ela telefonou pouco antes da meia-noite. Está a receber cuidados paliativos. Ocupa o último andar. Passa a maior parte dos seus dias — e noites, ao que parece — a observar os vizinhos. Também fez cinco chamadas para o 112 nos últimos seis meses, que acabaram por não dar em nada.

Mal franze o sobrolho.

— Testemunha não fiável?

— É o que vamos saber. Olhe para isto. — Benoit aponta para o chão de betão polido em frente à porta. Um ramo de flores murchas — orquídeas,

lírios, crisântemos brancos e gipsófila — jaz numa poça de água no cimento. Entre as flores há um pequeno envelope branco. Ao lado das flores está uma caixa de tarte esmagada com uma janela transparente no topo. Contém uma tarte de frutos silvestres esmagada. O sumo roxo-escuro escorre por baixo da caixa. Na caixa encontra-se um logótipo com a forma do símbolo matemático Pi, e, por baixo, as palavras Pi Bistro.

— Isto foi um sinal de alerta para as equipas de emergência — explica Benoit. — E a porta da frente estava entreaberta quando eles chegaram. Todas as luzes do andar de baixo estavam acesas e a porta de correr de vidro nas traseiras da casa também estava aberta.

Mal ergue o olhar lentamente e observa a porta de entrada de vidro com guarnição de madeira.

— Não há sinais evidentes de arrombamento. E não estava ninguém em casa?

— Não. Apenas sinais de luta e salpicos de sangue.

— Sabemos quem é o proprietário da casa?

Benoit consulta o seu bloco de notas e vira uma página.

— Vanessa North e Haruto North; acho que isto explica o nome, Northview. Há dois veículos ainda estacionados na garagem. Um *Lexus* descapotável vermelho e um *Tesla Roadster* prateado. Ambos estão registados em nome dos North. O casal não foi localizado. Também não há resposta para os números de telefone registados.

Mal agacha-se e examina o arranjo floral murcho e a tarte esmagada. Tira as suas próprias fotografias e, depois, com uma mão enluvada, retira cuidadosamente o pequeno envelope molhado de debaixo de uma anêmona-do-japão branca e de um ramo de gipsófila. Abre o envelope e retira de lá um cartão branco. Há uma mensagem escrita à mão com tinta escura no papel húmido. Diz o seguinte:

Boa sorte até a autonomia acabar, amiga. Tem sido uma viagem e peras.

Obrigada pelo apoio.

Daisy

X

O cartão tem um logótipo em relevo onde se lê «BEA'S BLOOMS».

Mal ergue-se. Tem um pressentimento muito mau. Tenta imaginar uma pessoa — uma Daisy? — aqui, junto à porta, a segurar um ramo de flores brancas e uma tarte, à vista de quem quer que venha abrir a porta de vidro. Depois, algo acontece: a tarte e o ramo de flores caem ao chão. Porquê? Choque? Medo? Ameaça? Incidente médico?

Mal passa os dedos enluvados pelo interior da ombreira da porta. Não há mesmo sinais de entrada forçada. Mal entra na casa. O seu mau pressentimento intensifica-se instantaneamente.

DAISY

*17 de outubro de 2019. Quinta-feira.
Duas semanas antes do homicídio.*

Não, movam-no mais para a esquerda, para mais perto das janelas. Sim, assim. Mas inclinem-no mais para ficar virado para a vista — instrui Daisy Wentworth Rittenberg a dois homens musculados com turbantes, enquanto estes manipulam um sofá de couro de acordo com as suas especificações. Ela está a preparar uma *penthouse* de luxo para uma casa aberta, mas a mobília alugada chegou atrasada. Já são 17h43, e ela está esfomeada e exausta. Pressiona a mão na zona lombar dorida, num esforço para suportar o peso do seu ventre de grávida.

Daisy está prestes a completar trinta e quatro semanas da sua primeira gravidez. O parto está previsto para 1 de dezembro, mas parece estar a uma eternidade de distância, e os quilos a mais que carrega, que *não* são peso do bebé, estão a deixá-la irritada. O vestido fica-lhe demasiado apertado — arrepanha todo na zona do ventre e do rabiosque. Os tornozelos estão inchados. As faces entumecidas. Sente dores nos pés. O cabelo, habitualmente volumoso, está frouxo. A tez, normalmente invejável, está manchada e tem uma borbulha enorme no meio do queixo.

Daisy tenta livrar-se do seu descontentamento e concentrar-se no trabalho. A *penthouse* tem uma vista gloriosa sobre o oceano e ela está a tentar aproveitá-la com a disposição dos móveis. A propriedade acaba de ser vendida pela Wentworth Holdings por uns fantásticos 6,7 milhões de dólares. A Wentworth Holdings foi fundada pela mãe de Daisy, Annabelle Wentworth, antes do nascimento de Daisy. A mãe dela ainda trabalha. Claro que Annabelle Wentworth não precisa de trabalhar. Fá-lo porque gosta de o fazer. E porque não pode abdicar do controlo. A mãe de Daisy tem a reputação de ser a nata dos agentes imobiliários que responde às necessidades de compradores e vendedores de propriedades de luxo na área metropolitana de Vancouver. Annabelle lançou a Wentworth Holdings quando tinha apenas vinte e sete anos. Com o dinheiro da família Wentworth, claro — não há dúvida de que casar com Labden Wentworth trouxe as suas vantagens. Nessa altura, o pai de Daisy, Labden, já tinha fundado a TerraWest Corp, que desenvolve e gere estâncias de esqui na América do Norte, no Japão

e, cada vez mais, em partes da Europa. O marido de Daisy, Jon, um atleta olímpico de esqui alpino que ganhou duas medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de inverno de Salt Lake City, em 2002, trabalha atualmente para a TerraWest.

Daisy nunca tinha feito preparação de casas antes. A sua formação é em *design* de interiores. Ela geria uma pequena empresa de decoração de interiores em Silver Aspens, no Colorado, mas, desde que o casal se mudou para a sua cidade natal em julho, Daisy tem vindo a ajudar a mãe.

— Está bem assim? — O homem com um enorme bigode interrompe os pensamentos de Daisy. Ela anda tão distraída ultimamente. Não consegue concentrar-se numa única coisa. Estúpidas hormonas da gravidez.

— Está perfeito. Obrigada, pessoal. Só precisamos de trazer a mesa de café para cima e, depois, podemos dar o assunto por encerrado.

Os dois homens saem da *penthouse* para apanhar o elevador até à carrinha de entregas, vinte e seis andares abaixo. Daisy consulta o relógio de pulso. Não vai aguentar até ao jantar. O pequeno ser humano que cresce dentro do seu ventre tomou controlo do seu corpo e da sua mente de uma forma que Daisy não previra. Como um pequeno vírus. Ela é apenas o hospedeiro. E o pequeno vírus está a transformar Daisy numa criatura miserável que não é a Daisy que ela conhece. Ela sacode a ideia para longe. Não devia pensar assim. Ela *deseja* este bebé. Ele vai mudar as coisas para ela e para Jon. Este bebé é a razão pela qual eles se mudaram de volta para casa. Isso, juntamente com a promessa que o pai dela lhes fez de que Jon receberia uma grande promoção. O casamento deles *precisa* deste bebé. E estar perto da mãe e do pai quando o bebé nascer é algo que Daisy sente que *ela* precisa. Irá ajudar a pôr para trás das costas todos os acontecimentos sórdidos em Silver Aspens. Talvez vá buscar uma *pizza* a caminho de casa. Ou comida chinesa...

— Bem, olá, Daisy.

Daisy sobressalta-se e a sua pulsação acelera. Dá meia-volta no momento em que uma mulher de estatura elevada e cabelo preto entra no apartamento com uns saltos impossivelmente altos. É a proprietária da *penthouse*. A mulher atira as chaves do carro para a ilha de mármore da cozinha.

Daisy tenta acalmar-se. Mas as palavras «Bem, olá, Daisy» reverberam dentro do seu crânio. São as frases exatas das estranhas mensagens de texto que tem vindo a receber desde que ela e Jon chegaram a Vancouver.

Bem, olá, Daisy.

Bem-vinda a casa, Daisy.

Já lá vai algum tempo, Daisy.

Eu sei quem tu és, Daisy.

Aparecem na sua aplicação do WhatsApp e desaparecem vinte e quatro horas depois. Tudo de números desconhecidos. Ela bloqueia-os, mas voltam a aparecer através de outro número.

A proprietária do condomínio agarra distraidamente em três bagos de uva de uma tigela que Daisy colocou cuidadosamente na ilha da cozinha. Dirige-se para o centro da sala de estar e introduz um dos bagos grossos na boca. Mastigando, ela vira-se num círculo lento, criticando a disposição dos móveis e os quadros que Daisy pendurou. O cabelo da mulher é muito curto. O seu rosto é todo ele de ângulos elegantes. Pele branca luminosa; olhos escuros grandes e brilhantes. E é magra como um modelo de *passerelle*. Basicamente, um cabide. Daisy sente-se a tremer de irritação.

A mulher introduz outro bago verde e carnudo na boca, evitando cuidadosamente o batom vermelho.

— Desculpe o atraso. A minha reunião ultrapassou o tempo e eu... — Ela cala-se subitamente. Os seus olhos faíscam ao ver uma peça de arte por cima da lareira. Ela vira-se para trás, para encarar Daisy. — Tem a certeza de que este é o visual certo para...

— Mobilar uma casa de exposição não é o mesmo que mobilar uma casa para viver — replica Daisy asperamente.

A mulher franze as sobrancelhas perante o tom de Daisy.

Daisy esforça-se por controlar a sua irritação e a sua antipatia pela mulher cabide. Ela é cliente da mãe de Daisy. A reputação é tudo neste negócio. O nome Wentworth está em jogo.

— O nosso objetivo aqui é enfatizar de forma subtil a abertura deste espaço deslumbrante, chamar a atenção para os ângulos artísticos da arquitetura — acrescenta Daisy após inspirar profunda e lentamente. — Queremos ser convidativos, mas também suficientemente neutros para não ofuscar a vista magnífica. Queremos que os potenciais compradores, independentemente dos seus gostos, consigam entrar aqui e imediatamente olhar para a vista. Queremos que eles se imaginem a habitar neste espaço.

A proprietária da *penthouse* introduz o terceiro bago de uva na boca.

— Bem, eu confio na Annabelle. Ela é bem recomendada e obtém resultados. Por isso... — Interrompe-se, mastigando enquanto o seu olhar vagueia pelo vestido justo de Daisy e pelos confortáveis ténis de caminhada que Daisy comprou no centro comercial, a caminho da *penthouse*. Daisy detesta os seus ténis brancos produzidos em massa com riscas cor de laranja, mas estava atrasada e os seus outros sapatos estavam a dar cabo das suas costas e dos seus pés inchados. Ela precisava de um substituto de emergência.

— Estou grávida de mais de oito meses — explica em sua defesa, e depois odeia-se imediatamente. Porque é que ela disse aquilo? Que idiota. Como se ela precisasse de explicar o seu corpo e os seus sapatos confortáveis a esta... a este cabide snobe.

— Oh! — A mulher vira as costas a Daisy e observa a vista.

O calor incendeia as faces de Daisy. Ela esperava, no mínimo, um *Parabéns* superficial. Dirige-se à taça das uvas na ilha e vira o cacho de uvas para esconder os feios pés que a mulher expôs.

Eu não preciso de trabalhar. Eu podia comprar a tua maldita penthouse duas vezes com o meu fundo de investimento.

Em vez disso, Daisy pergunta:

— Tem filhos?

Um riso profundo e sombrio.

Daisy vira-se.

— Claro que não tem. Pergunta parva.

— O que quer dizer com isso?

— Qualquer pessoa pode ver a partir desta *penthouse* que nenhuma criança se aproxima deste sítio.

Os olhos da mulher estreitam-se ligeiramente.

— O meu marido e eu fizemos uma escolha consciente quando nos casámos, um acordo, de não ter filhos. Não queremos trazer crianças para este mundo.

— Então não é o seu primeiro casamento?

A mulher pestaneja.

— Desculpe?

— Ele fez uma vasectomia, não foi? O seu marido. Foi à faca. Suponho que ele já tenha filhos dele. Já adultos. De um primeiro casamento?

A boca da mulher escancara-se.

Em cheio.

— É um privilégio masculino, não é? — diz Daisy com doçura. — Entretanto, você e eu temos de nos preocupar com o tiquetaque dos relógios biológicos. E se o seu marido voltar a trocar de mulher, será tarde de mais para si. — Ela pega na mala. — Bem, foi *muito* bom ajudar a tornar a sua casa vendável. Há sítios que precisam de uma ajuda extra, sabe? Oh, quando os estafetas vierem com a mesa de café, mostre-lhes onde a quer. Eu também estou atrasada.

Bamboleia-se em direção à porta com os pés inchados. O seu coração bate forte quando sai do condomínio e se dirige para o elevador. Mas por dentro sorri de alegria. Daisy Wentworth Rittenberg acaba de reencontrar um pouco do seu charme. A jovem carismática e popular que foi em tempos na escola *ainda* está enterrada algures debaixo do inchaço e das hormonas da gravidez. A adolescente atraente, rica e loira, capaz de aniquilar qualquer pessoa com um comentário mordaz, não desapareceu completamente. Bem lá no fundo, Daisy *continua* a ser a adolescente que conquistou o famoso esquiador Jon Rittenberg, vencedor da medalha de ouro em descida de montanha e ícone sexual, quando todas as outras se atiravam a ele.

Um pouco trémula e muito entusiasmada, Daisy entra no elevador e carrega triunfantemente no botão. Tinha-se esquecido de como é bom defender a sua posição, espetar a faca... e torcer.

Do lado de fora do arranha-céus, o ar de outubro é fresco e bem-vindo. Quando Daisy chega ao seu *BMW* estacionado ao fundo da rua, vê um envelope branco oculto debaixo do para-brisas. Pega no envelope, abre-o e retira um simples cartão.

ESTOU A VER-TE @APENASDAISYNODIAADIA.

SEI QUEM TU ÉS.

O RELÓGIO FAZ TIQUETAQUE

DAISY

**17 de outubro de 2019. Quinta-feira.
Duas semanas antes do homicídio.**

Daisy conduz para casa firmemente agarrada ao volante. Tem a garganta apertada e a tensão arterial a subir.
Não é bom. Não é bom para o bebé. Acalma-te, Daisy. Respira. Concentra-te.

O bilhete deixado no para-brisas está no banco do passageiro.

Quem quer que esteja a fazer isto está a aproximar-se. Está a tornar-se descarado. Agora há um relógio a contar, uma bomba-relógio. Um aviso de que algo vai explodir.

É evidente que o remetente está familiarizado com o seu nome de utilizador no Instagram, @ApenasDaisyNoDiaADia. O que significa que sabe *muito* sobre a vida dela, que está grávida de um menino, que ela e Jon se mudaram recentemente do Colorado para Vancouver, que Jon está a concorrer a um emprego de topo numa nova estância de montanha que está a ser desenvolvida a norte da mundialmente famosa Whistler. Também sabe que carro ela conduz.

Ela segue para a ponte Burrard, com a cabeça às voltas — será que publicou nas redes sociais algo sobre a montagem do apartamento? Não. Ela tem a certeza de que não o fez. Então como é que o remetente do bilhete sabia onde encontrar o carro dela? Estaria a ser seguida? Daisy precisa de deixar aquele emprego de qualquer maneira. Ela odeia-o. A mãe dela vai compreender. Jon vai ficar aliviado. Ele não quer que ela trabalhe. Diz que não é para ela e que devia ficar em casa e concentrar-se apenas na gravidez. De qualquer forma, quando o bebé nascer, ela vai ser uma mãe a tempo inteiro.

O interior do seu carro está quente. O trânsito na ponte está em para-arranca. Ela vislumbra as montanhas da Costa Norte do outro lado da enseada e a sua mente volta aos dias em que ela e Jon andavam na escola. Ambos cresceram na Costa Norte, nos flancos daquelas montanhas densamente arborizadas do outro lado da água. Ambos aprenderam a esquiar em Grouse. Tinham-se conhecido no liceu, começado a namorar no décimo primeiro ano. Davam as melhores festas... A inquietação entranha-se cada vez mais em Daisy. Também fizeram algumas coisas irrefletidas quando eram miúdos.

Na altura, ninguém lhe disse como essas coisas lhe pareceriam incrivelmente estúpidas quando se tornasse adulta. Ou como as suas memórias poderiam surgir do nada — como agora — e fazê-la pensar: *Não, isso não pode ter acontecido. Eu nunca fiz parte disso.* Ela aperta o volante com força. Regressar a «casa» está mesmo a perturbá-la.

Éramos apenas uns miúdos estúpidos que bebiam demasiado. Os adolescentes tomam decisões terríveis a toda a hora. Pressão dos pares. Mentalidade de rebanho. Estupidez coletiva. Tudo aquilo misturado em quantidades iguais e algo sombrio, perturbador e primitivo se apodera de nós.

Daisy está tão preocupada que, quando chega a casa, mal se lembra de ter parado para ir buscar uma *pizza*. Abre a porta da frente, equilibrando a caixa de *pizza* quente e a mala. Entra no vestíbulo e desliga o sistema de segurança. O interior da sua casa está impecável e cheira a limpo. Da entrada, Daisy pode ver diretamente através da sala de estar até ao jardim verdejante nas traseiras. Descomprime instantaneamente. Descalça os seus feios sapatos de corrida e leva a *pizza* para a cozinha. Abre a caixa, tira uma fatia de *pizza* com queijo, dá uma dentada enorme, depois outra, e geme de prazer. Enquanto mastiga, arranca o vestido demasiado apertado e sobe as escadas para ir buscar umas calças de fato de treino e uma *t-shirt* de tamanho grande.

Depois de mudar de roupa, Daisy volta descalça para a cozinha. Põe a chaleira ao lume para fazer chá e acaba a *pizza* em grandes tragos, como uma besta voraz. Enquanto mastiga e engole avidamente, pensa que é tudo obra do pequeno parasita — aquele que cresce dentro do seu ventre e que a consome de dentro para fora. Que controla os seus impulsos.

Mais uma vez, Daisy sacode o pensamento macabro. Não faz ideia de onde vêm estas imagens. De momento, não está em si. Enquanto deita água a ferver sobre o saquinho do chá, repara no bilhete que Jon lhe deixou em cima do balcão. Está ao lado de uma impressão da última ecografia. Ela pega no bilhete.

Lembra-te! Tenho o jantar com Henry no pub às 18h30

Jon começou a deixar bilhetes a Daisy porque diz que ela anda muito esquecida ultimamente. Henry Clay — o membro mais antigo do conselho de administração da TerraWest — convidou Jon para discutir um assunto relacionado com o trabalho durante uma refeição ao início da noite. Daisy pergunta-se se terá alguma coisa a ver com o afastamento abrupto do pai.

O pai dela tinha sofrido um susto de saúde duas semanas antes. Um ligeiro ataque cardíaco. Os médicos sugeriram mudanças no estilo de vida, por isso Labden chocou toda a gente ao anunciar a sua saída imediata da TerraWest, dizendo que queria aproveitar o que lhe restava dos seus anos.

Quando Daisy pousa o bilhete e tira o saquinho de chá da chávena, um movimento súbito no exterior capta a sua atenção. Tensa, olha fixamente para os arbustos no fundo do seu jardim paisagístico. Uma brisa levantou-se e as folhas da cor do outono estão a mover-se. Não está lá ninguém, mas ela tem quase a certeza de que viu alguém de preto a mover-se por detrás das árvores que protegem a propriedade da rua que passa do outro lado da vedação. Daisy deixa o chá e dirige-se lentamente para as portas de vidro deslizantes. Com uma mão no ventre, espreita cuidadosamente para o jardim. Vários corvos levantam voo e dispersam-se no céu sombrio de outono. Um corvo? Será que viu um corvo miserável e pensou que era uma pessoa atrás das árvores? Mesmo assim, não consegue afastar a sensação de estar a ser *observada*.

Seguida.

Daisy baixa as persianas. Faz uma chamada para Jon. Ela sabe que ele vai estar ocupado com Henry, mas precisa de ouvir a voz dele. A voz de qualquer pessoa.

O telefone chama, depois passa para o correio de voz. Sente-se irritada. Volta a telefonar. Ele continua sem atender. Deve haver muito barulho no bar, pensa ela. Talvez Jon não consiga ouvir o telemóvel a tocar. Ainda a precisar de uma ligação humana, envia uma mensagem de texto à sua amiga Vanessa.

Queres almoçar amanhã? No Pi Bistro?

Amanhã é dia de vir a empregada de limpeza. Daisy sai sempre de casa quando a empregada vem. Não consegue aguentar ver alguém a limpar debaixo dos seus pés — como se devesse sentir-se culpada ou algo do género quando está a pagar um salário de topo e a dar trabalho a alguém. Prefere regressar a casa e vê-la a cintilar e acreditar que as fadas da casa estiveram lá. Era assim que a mãe dela chamava ao serviço de limpeza quando Daisy era pequena. Fadas da casa.

O seu telemóvel recebe uma resposta de Vanessa.

Excelente ideia! A que horas?

Daisy escreve uma mensagem de resposta no seu telemóvel:

Meio-dia é demasiado cedo para ti? (ando sempre esfomeada ultimamente)

A mensagem de Vanessa não se faz esperar:

Não me digas. Haruto e eu temos um compromisso por volta do meio-dia. Que tal mais tarde, às duas horas?

Daisy sorri. Duas da tarde é muito tempo para esperar pelo almoço. No entanto, pode comer um lanche mais cedo. Daisy aprecia o tempo que passa com Vanessa, cujo bebé vai nascer uma semana depois do dela. Sabe bem partilhar as coisas com alguém que realmente se identifica com ela. E Vanessa não a julga. Daisy não suporta as pessoas que lhe dizem que nunca se pode queixar porque é uma «privilegiada» e devia estar grata por todas as coisas que tem na vida. Tudo é relativo, será que as pessoas não percebem isso? Vanessa não é uma dessas pessoas. Ela e Haruto vivem numa daquelas casas de estilista do outro lado da água, uma estrutura de vidro deslumbrante e luminosa com uma piscina infinita que faz crescer água na boca. Vanessa frequenta as aulas pré-natais do Yoga Mom, perto da casa de Daisy, porque Haruto trabalha ali perto — foi nessa aula que Vanessa e Daisy se conheceram.

Daisy escreve:

Combinado!

Sentindo-se um pouco mais centrada, leva o seu chá de camomila para cima, prepara um banho e mergulha na espuma com um livro.

Uma hora mais tarde, Daisy está na cama com o seu romance, a ler enquanto vai dormitando e despertando. Quando volta a olhar para o relógio, são 22h26. Jon não está em casa. Já devia ter voltado.

Pega no telemóvel e liga para o marido. Vai novamente para o correio de voz.

Daisy recosta-se na almofada e pensa: *E se ele bebeu de mais e teve um acidente? E se ele estiver algures no hospital?*

Aguarda trinta minutos e volta a telefonar. A chamada vai para o

correio de voz. Daisy começa a pensar se Jon terá ido a algum lado depois do bar. Um clube noturno ou algo do género. Isso deixa-a ainda mais ansiosa.

Quando volta a ligar, Jon atende. O alívio invade Daisy.

— Olá, querido — diz ela cuidadosamente. — Está tudo bem? Estava preocupada contigo.

— Estou ótimo. — Ela ouve ruído. Música. Uma voz de mulher ao fundo. — Deixa-me ir ali para um sítio mais calmo. Espera um segundo... — diz Jon. Daisy ouve novamente a voz da mulher. Depois, o telefone fica abafado, como se Jon o estivesse a segurar contra o corpo.

— Jon, estás aí?

Quando volta a falar, Jon aclara a garganta.

— Desculpa, amor. Devia ter telefonado. Assim que o Henry saiu do bar, alguns dos tipos do escritório apareceram. Estão todos a falar sobre o novo empreendimento. Um dos avaliadores ambientais está com eles. Achei que devia falar com ele, fazer alguns contactos. Ele ainda cá está. Pode ser que chegue tarde. Não te importas com isso? Posso ir para casa agora se...

— Não. Não... Eu... está tudo bem. — A emoção brota dentro dela. Sente-se só, marginalizada. — Como é que correram as coisas com o Henry?

Um momento de silêncio.

— Bem. Correram bem.

— O que é que ele queria?

— Ele tinha... informação interessante. Podemos falar amanhã, está bem?

A inquietação que sentiu durante a tarde aprofunda-se. Tem a sensação de que algo está a acontecer. *O relógio faz tiquetaque.* Olha para as persianas fechadas. As sombras das árvores movem-se atrás delas. O vento está a aumentar. Vem aí uma tempestade.

— Estás bem, Daize?

— Sim. Eu... estou ótima. — Estava prestes a contar a Jon sobre o bilhete no para-brisas, mas decide adiar. — Vemo-nos mais tarde.

— Vê se descansas, amor. Não me demoro. Não esperes por mim acordada.

Despede-se, mas quando está prestes a desligar a chamada, ouve novamente a voz feminina ao fundo. Desta vez, Daisy capta algumas palavras: *Jon... cedo. Obrigada... noite agradável.*

Deixa-se cair de novo na almofada, segurando o telemóvel junto ao ventre. Olha para o teto e diz a si própria que é um bar movimentado. Fica

no andar de baixo de um hotel popular, ao lado do edifício onde Jon trabalha. A voz podia ser de qualquer pessoa. De uma empregada, até.

Daisy imagina uma empregada de mesa debruçada sobre a mesa de Jon, a sorrir para ele, com o decote alinhado com o seu olhar. Não, diz a si própria. Provavelmente era apenas uma mulher a passar no átrio do hotel, a chamar por alguém. Ela não pode deixar que isso aconteça novamente: a suspeita crescente. A paranoia. Ver coisas nas sombras e nos arbustos. Só porque ela e Jon foram vítimas de uma perseguidora obcecada no Colorado, isso não significa que volte a acontecer aqui.

Ou será que sim?

E se a mulher do Colorado não tivesse percebido a mensagem e os tivesse seguido até Vancouver?

Vai correr tudo bem. Foi tudo tratado. Ela já não é um problema.

Mas quando Daisy se deixa levar por aquele tempo lúcido e elástico entre o sono e a vigília total, volta a ouvir a voz da mulher do seu sonho, mas a sua mente preenche as palavras que faltam.

Jon...Tenho de me levantar cedo. Obrigada pela noite agradável.